

Prosseguindo na Trilha Menos Percorrida

P. Scott – Ed. Imago



O livro aborda o crescimento pessoal e espiritual. Segundo o autor nós evoluímos até a consciência. A história da expulsão de Adão e Eva do Paraíso, é um mito que fala exatamente disso. Ao comermos da maçã da Árvore do Bem e do Mal, tornamo-nos conscientes e, portanto, autoconscientes. Ao nos tornarmos autoconscientes, Deus percebeu logo através de nossa timidez e vergonha. Isso significa dizer, que a timidez faz parte da natureza humana e não é, necessariamente, um atributo negativo.

Quando adquirimos nossa autoconsciência, nos percebemos como uma entidade isolada e perdemos o senso de unidade com a natureza, com o restante do universo, o que é representado pela expulsão do Paraíso. Esta expulsão é eterna: não podemos voltar para o Éden, seria como tentar voltar ao útero materno, à inconsciência. Assim, parte da psicopatologia humana, incluindo o abuso de drogas e álcool, surge de uma tentativa de voltar ao Éden. Dessa forma podemos diminuir nossa autoconsciência e timidez. Mas, como foi dito antes, não podemos voltar ao Éden, temos de seguir rumo a níveis mais profundos de consciência. Assim, crescer é um processo doloroso.

A dor ou sofrimento pode ser construtivo ou não construtivo. Quando é um sofrimento paralisante e que atrapalha o crescimento, estamos diante de um sofrimento não construtivo ou neurótico. Isso serve para a culpa e a ansiedade também. É preciso distinguir entre este e o sofrimento construtivo ou existencial. Este último proporciona avanço, crescimento e melhora no desenvolvimento pessoal.

Para livrar-se do sofrimento não construtivo é necessário "agir como se" ele não existisse. É preciso coragem. Mas note que coragem não significa ausência de medo e sim poder seguir adiante apesar dele.

Para lidar com a dor existencial é necessário admitir que tudo o que acontece nas nossas vidas foi projetado para o crescimento espiritual. Assim, devemos prosseguir na estrada da vida, rumo ao desenvolvimento espiritual e à consciência, apesar da dor.

Uma boa parte da jornada diz respeito ao aprendizado do perdão. Nós tendemos a seguir pela vida culpando os outros pela nossa dor. E isso começa com a raiva. Ela não é ruim por si só, pois serve a uma finalidade: nossa sobrevivência. Ela é basicamente um mecanismo territorial que desperta quando qualquer outra pessoa invade nosso território. Porém, nossa definição de território é mais complexa que para qualquer outro animal: possuímos um território geográfico e ficamos zangados quando alguém, sem convite o viola, um território psicológico e ficamos zangados quando alguém nos critica. Também possuímos um território ideológico e um teológico e ficamos zangados quando criticam nossas idéias ou crenças. Como o território humano é tão complexo e

multifacetado, nosso centro de raiva está disparando o tempo todo, às vezes de modo bem impróprio. Assim, temos de aprender a discernir quando um fato não é tão violador e a raiva é uma reação tola e imatura e quando realmente alguém ultrapassou nossos limites e, nesse caso, devemos dizer isso ao violador.

Nós precisamos conhecer essas maneiras de conhecer e também temos de aprender qual resposta é apropriada para cada situação. É uma tarefa nada fácil e não é de espantar que muito poucas pessoas aprendam a lidar bem com sua raiva antes dos 30 ou 40 anos, e muitas delas nunca chegam a aprender.

Quando nos zangamos e culpamos alguém por nos deixar zangados, estamos fazendo um julgamento quanto àquela pessoa: de que ela pecou contra nós. Embora não seja possível viver sem emitir julgamentos (estamos julgando a todo o momento, a cada decisão), temos de nos julgar antes de julgar alguém. Assim, devemos aprender o “perdão verdadeiro”. Não perdoamos os outros pelo bem deles e sim pelo nosso, pois se continuarmos apegados à nossa raiva além do necessário, deixamos de crescer.

O reconhecimento de que a vida é limitada deixa uma sensação de que não há sentido na vida. Mas a morte não é aquilo que tira o significado, mas aquilo que dá significado da sua vida. No entanto, a maioria das pessoas não quer nem pensar sobre isso; querem excluí-la de sua consciência. Não podemos viver com coragem e confiança a menos que tenhamos um relacionamento com a nossa própria morte. De fato, não podemos viver plenamente a menos que haja alguma coisa pela qual estejamos dispostos a viver. Nós vivemos numa cultura que nega a morte. Ela é vista como um acidente, algo que nos ataca sem razão, e sem que tenhamos qualquer controle sobre ela. Mas a verdade é que todos vamos morrer e que, de algum modo, escolheremos como ela vai ocorrer (no caso de desordens médicas e psicossomáticas).

Quando nos aproximamos o bastante da morte, vemos que temos muito menos a temer do que pensamos. Na verdade, é a morte que nos impulsiona pela vida, é a consciência de nossa finitude que nos impele no significado da vida e este consiste em aprender. Geralmente as pessoas agem quando sabem que têm um prazo final para que tomem uma atitude. Aprendemos melhor quando temos um prazo determinado. Assim é a vida: aprendemos com ela, damos valor e significado porque sabemos que existe um prazo final. Assim, nos tornamos conscientes do pouco tempo que temos, e o utilizamos melhor.

Portanto, existem duas maneiras de lidar com a morte: a comum e a inteligente. A comum é simplesmente ignorá-la e tentar não pensar nela. A inteligente é encarar a morte o mais cedo possível, pois já que vamos morrer, não é necessário o apego a velhos hábitos e à personalidade. É preciso mudar. Sem o fardo das nossas defesas, somos capazes de tirar os olhos de nós mesmos e reconhecer verdadeiramente os outros. À medida que nos desprendemos cada vez mais de nossa personalidade, nos tornamos mais capazes de lembrar de Deus.

Para o autor nossa capacidade humana de mudança e transformação se reflete na espiritualidade. Não estamos todos no mesmo local

espiritualmente falando, existem diferentes estágios. Mas esses estágios devem ser considerados com flexibilidade porque algumas pessoas não se encaixam tão perfeitamente nelas.

Os Estágios

Estágio 1 - Caótico ou anti-social: espiritualidade ausente e as pessoas não têm princípio algum. É anti-social porque embora as pessoas sejam capazes de fingir que amam, todos os relacionamentos com outras pessoas são egoístas e implicitamente (se não abertamente) manipuladores. São caóticos porque, não tendo princípios, não possuem um mecanismo para governá-los que não seja da sua vontade. Por isso, as pessoas desse estágio estarão sempre em dificuldades.

Estágio 2 – Formal ou institucional: é institucional porque as pessoas que o vivenciam dependem de uma instituição para o seu governo. Esta instituição pode ser uma prisão, um quartel, uma firma altamente organizada e, na maioria dos casos, uma igreja. Embora existam gradações e nada seja fechado nesses estágios, certas coisas caracterizam o comportamento religioso das pessoas nesse estágio. É formal porque são muito apegadas às formas de religião. Elas se sentem muito perturbadas se as formas ou rituais mudam alterando a liturgia ou introduzindo novos hinos, por exemplo. Elas se sentem assim porque é nessas formas que elas confiam para se verem livres do caos. Nesse estágio a visão de Deus é de um ser quase que inteiramente exterior. Elas têm pouca noção daquela parte de Deus que vive dentro de cada um de nós. Pensam em Deus como um gigantesco guarda no céu que, embora seja amoroso, tem um tipo de poder punitivo. Deus está totalmente lá em cima e lá fora.

Estágio 3 – Cético ou individual: são pessoas autogovernantes e com princípios, que não dependem mais de uma instituição para seu governo. Elas começam a se afastar da igreja tornando-se céticos ou ateus. Frequentemente são cientistas e certamente têm uma mentalidade científica. Invariavelmente buscam a verdade. E se buscarem de maneira profunda o bastante elas começam a encaixar peças da verdade suficientes para vislumbrar o grande desígnio e para ver que ele é muito parecido com muitos dos mitos e superstições primitivas em que seus pais ou avós do estágio 2 acreditavam.

Estágio 4 – Místico ou comunitário: são pessoas que viram um tipo de coesão sob a superfície das coisas. Assim, vislumbram uma interconexão entre homens e mulheres, humanos e outras criaturas e entre vivos e mortos. Adoram mistérios e quanto mais os solucionam, mais os encontram.

- Existe uma noção de ameaça entre pessoas em pontos diferentes da jornada espiritual. Todos nós podemos nos sentir ameaçados pelos estágios

inferiores ao nosso, se não estamos ainda seguros de que realmente fazemos parte dele, mas a ameaça maior parte dos que estão à nossa frente. Há que se considerar também que existem pessoas que aparentam estar num estágio, quando estão em outro. Existem as que estão “espalhadas” pelos 4 estágios, e por isso são fronteiriças. Há ainda as que começam a entrar em um estágio mais avançado e, então, voltam atrás. Embora seja possível regredir nos estágios quando ainda não estamos firmemente enraizados, não é possível pular os estágios do desenvolvimento espiritual, eles obedecem uma seqüência exatamente como os estágios do desenvolvimento psicológico. Mas eles podem ser ultrapassados rapidamente por algumas pessoas. Outras podem ficar fixadas em determinados estágios.